

APRESENTAÇÃO

MULHER, GÊNERO E TRABALHO: identidades, práticas, inserções e representações sociais

A presente edição do Caderno Espaço Feminino abriga um **dossiê** organizado pelas profas. Vera Lúcia Puga e Dulcina Tereza Bonati Borges que analisa as **articulações entre trabalho e gênero**, ressaltando o caráter sexuado das relações de trabalho, focalizando-as tanto em nível de políticas públicas e do crescente protagonismo de mulheres em movimentos feministas e sindicais, quanto em diferentes espaços ocupacionais e nas vivências cotidianas.

O texto **A Carreira Profissional e o Mercado de Trabalho na Questão de Gênero**, assinado por Terezinha de Jesus Abreu de Souza e Paulo Roberto Haidamus de Oliveira Bastos, professores/as da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, relaciona aspectos da legislação trabalhista que nas últimas décadas vem regulamentando o trabalho no país, e os impactos socioculturais e psicológicos desta sobre a mulher inserida no mercado de trabalho brasileiro.

A seguir, Belmira Magalhães, Professora/pesquisadora do Mestrado em Sociologia e do Doutorado em Letras da UFAL e a socióloga da Universidade Federal de Alagoas, Geice Silva, apresentam em **Trabalho e Movimento Feminista: uma articulação necessária**, algumas reflexões tecidas por movimentos acerca do trabalho, suas formulações e práxis que sinalizam na direção de um combate feminista de caráter emancipatório. Em tais reflexões o trabalho é apreendido em suas indissociáveis dimensões produtivas e reprodutivas, e enquanto categoria estruturante do ser social.

Em **Ausentes ou invisíveis? A participação das mulheres nos sindicatos**, Patrícia Tuma Martins Bertolin e Fabiana Larissa Kamada, respectivamente, professora e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direito Político e Econômico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, avaliam a presença e a atuação das mulheres em organizações sindicais, no Brasil pós-ditadura militar, seja como dirigentes ou como trabalhadoras sindicalizadas, observando que apesar dos avanços verificados, a sub-representação sindical destas, ainda vai de encontro às demandas de equidade de gênero canalizadas por tais entidades.

Em seguida, adentrando espaços ocupacionais específicos, há dois textos que focalizam o

trabalho da mulher na área educacional, setor marcadamente feminizado.

Márcia Gorett Ribeiro Grossi, professora do Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, e Márcia Gonçalves Reis, pós-graduanda em PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional -pelo CEFET/MG, em **A participação das mulheres no Programa Nacional de integração da educação profissional**, apontam uma série de fatores, tais como: história de vida, percurso escolar e profissional, motivações e perspectivas, que levam mulheres, predominantemente, a optarem pelo curso.

Passo seguinte, em “**A mulher é naturalmente educadora**”. **Representações de professoras sobre a docência: entre discursos históricos e atuais**, a psicóloga Milena Cristina Aragão, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, e Lúcio Kreutz Kreutz, professor da pós-graduação em educação na Universidade de Caxias do Sul/RS investigam as representações de docentes da educação infantil e séries iniciais sobre sua função, cotejando-as com discursos naturalizadores que constroem as identidades socioprofissionais e as práticas de professoras.

Estreitamente vinculada ao campo educacional, a produção literária das mulheres brasileiras no século XVIII e início do século XXI, é analisada no texto **Trajatória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos**, de autoria de Beatriz Alves de Sousa e Joana Maria Pedro, a saber, doutoranda e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, em viés interdisciplinar, as autoras chamam a atenção para um débito existente na história da literatura brasileira no que tange à contribuição das literatas, que restam na quase invisibilidade. Procuram resgatar as formas de resistência e a trajetória de luta dessas mulheres - que em sua maioria foram professoras - para ocuparem um espaço tradicionalmente masculino.

Outro setor feminizado é objeto de análise de Tais Viudes de Freitas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas que, em **A flexibilização da jornada de trabalho e seus impactos sobre a vida das trabalhadoras inseridas no setor de teleatendimento**, focaliza os efeitos da flexibilização da jornada de trabalho sobre a organização da vida diária dos trabalhadores e, principalmente, das trabalhadoras do setor de

teleatendimento, com ênfase nos mecanismos de articulação entre o tempo do trabalho despendido no terreno profissional, e o tempo despendido nos demais espaços da vida.

Na esfera dos cotidianos, Alcileide Cabral Nascimento e Noêmia Maria Queiróz Pereira da Luz, doutoras em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, em **Liberdade, transgressão e trabalho: o cotidiano das mulheres na cidade do Recife (1870-1914)** focalizam as novas práticas femininas que, na Recife do último quartel do século XIX e início do século XX, colocavam em questão a sociedade patriarcal, as relações entre os gêneros, o casamento e a pretensa superioridade masculina, na crescente luta pelo direito de atuar no espaço público.

Nessa área do cotidiano, as representações sociais têm lugar privilegiado, uma vez que a despeito de se configurarem como elementos simbólicos, não deixam de ter materialidade, uma vez que as formas de pensamento expressas em suas representações são produzidas histórica e socialmente. E mais, prenes de sentidos e significações, elas moldam comportamentos e orientam ações.

É sobre elas que Tânia Regina Zimmermann, professora do departamento de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, debruça-se, em **Representações de trabalhadoras domésticas nas páginas de jornais e revistas nas décadas de 1970 a 1980**, para pensar algumas representações, ostentadas na mídia impressa do Oeste do Paraná dessa época, acerca de situações protagonizadas por trabalhadoras domésticas, que aí figuravam como atitudes “indesejadas”.

Finalizando o dossiê **Articulações entre trabalho e gênero**, Luana Diana dos Santos, professora da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, no texto **Comunicar é politizar: A Revista Eparrei e a participação feminina na luta contra o racismo no Brasil** aborda o trabalho de ressignificação da imagem da mulher negra empreendido pelas mulheres da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos, através da Revista *Eparrei*, canal de denúncia do racismo vigente no Brasil, e de promoção da educação e politização da população afro-brasileira.

Na sequência do dossiê, vem a seção de artigos deste volume, composta por cinco textos que discutem aspectos socioeconômicos e de representação política das desigualdades de gênero.

Mayra Rachel Silva e Maria do Socorro Ferreira Osterne, respectivamente, mestranda, e professora do Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará,

indagam em **Mulher, sinônimo de pobreza?** a respeito dos processos de feminização da pobreza. Parafraseando a célebre expressão de Elisabeth Souza-Lobo, as autoras poderiam afirmar, em alto e bom som, que também a miséria tem dois sexos. Suas pesquisas conduzem à constatação de que a pobreza atinge às mulheres e aos homens de modo diferenciado, sendo mais “aguda” para as mulheres.

No artigo **A mulher no islã: Egito e Turquia**, Cila Lima, mestre em História social pela Universidade de São Paulo, transpõe as fronteiras nacionais para observar que também os espaços da representação política têm dois sexos. O texto retrata o *status* social da mulher no Islã e sua relação com a modernidade, abordando inicialmente a *segregação de gênero* e, num segundo momento, as atuais condições sociopolíticas das mulheres no Egito e na Turquia.

E na medida em que as ordens material e simbólica de dominação entrelaçam-se,

Alessandra Soares Muniz Gomes, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, no artigo **Meios de comunicação e identidade feminina nos espaços da política eleitoral**, tece procedente reflexão sobre como os meios de comunicação, típicos da indústria cultural, produzem e reproduzem uma estereotipada identidade feminina nos espaços de poder, no mundo da política - espaço histórica e culturalmente caracterizado como masculino - que informa a representação político-eleitoral das mulheres, ou melhor, sua sub-representação.

Quando falamos em teorias de gênero, em feminismos, em movimentos de mulheres, a pluralização é imprescindível, haja vista a diversidade de suas abordagens, formulações e práticas.

As mulheres, ainda que sub-representadas, com pouca ou nenhuma visibilidade, não atuam apenas em movimentos emancipatórios; elas também se fazem presentes em movimentos conservadores que não falam na direção da equidade de gênero. É o que nos mostra Pedro Ernesto Fagundes, professor do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo, em **A cruz-verde: a atuação das militantes femininas na “Província Integralista Fluminense”**, artigo que analisa a atuação das “blusas verdes”, militantes integralistas na Ação Integralista Brasileira (AIB) no estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 1932-1937.

No último artigo **Desigualdade de gênero no sistema prisional: considerações acerca das barreiras à realização de visitas e visitas íntimas às mulheres encarceradas**, Magali Gláucia Fávaro de Oliveira, mestranda em Direitos e Garantias Fundamentais pela Faculdade de Direito de Vitória, e o sociólogo André Filipe Pereira Reid dos Santos, professor do referido Programa de Pós-Graduação, discutem a disparidade entre os direitos de visita e visita íntima a mulheres e homens que se encontram em situação de encarceramento, destacando a essencialidade destes direitos para a manutenção dos laços familiares e afetivos dos/as reclusos/as. Observam a gritante desigualdade de gênero nos estabelecimentos prisionais, e ressaltam o abandono das mulheres reclusas por seus companheiros e familiares, bem como suas carências que, não raro, levam-nas ainda que na contramão de suas orientações sexuais, ao estabelecimento compulsório de relações homossexuais.

A resenha *A mulher na universidade: o caso Alice Piffer Canabrava (1911-2003)*, de Diogo da Silva Roiz, fecha esta edição. Nela, o autor analisa o texto de Alice Piffer Canabrava, intitulado **História econômica: estudos e pesquisas** que, no campo da História das mulheres, procura tirar da penumbra as mulheres que fazem a História.

Sua leitura conduz-nos aos caminhos que levam à quebra dos lacunares silêncios da História, dando voz a pesquisadoras pioneiras, em várias áreas, na Universidade de São Paulo, dentre as quais, Alice Piffer Canabrava, e elucidando os mecanismos por meio dos quais elas driblavam as barreiras do teto de vidro, imiscuindo-se nas brechas de uma instituição que inegavelmente privilegiava seus pares do sexo masculino, para ampliar mais e mais seus espaços de atuação, para fazer soar, cada vez mais alto, vozes ainda silenciadas.

Agradecemos a todos/as que colaboraram para esta edição do Caderno Espaço Feminino, e esperamos que sua leitura seja agradável e proveitosa; que contribua para o aprofundamento de nossas reflexões e para o exercício de práticas construtoras da equidade de gênero.

Maria Lúcia Vannuchi
Conselho Editorial